



DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DE PROFESSORAS ALFABETIZADORAS: perspectivas e reflexões a partir de um projeto de rede

Carolina Monteiro¹

Eixo temático: 7 Alfabetização e formação inicial e continuada de professores

Resumo: O texto apresenta um relato de uma experiência de formação continuada de professoras alfabetizadoras vivenciada no ano de 2020 na Rede Municipal de Ensino de Canoas/RS. Apresenta, em linhas gerais, o projeto desenvolvido, seus objetivos e algumas ações realizadas, e analisa diálogos e trocas estabelecidas entre as professoras no âmbito do projeto para refletir sobre a formação continuada e a atuação das professoras no projeto. Fundamenta-se em referenciais como Magda Soares, António Nóvoa e Maurice Tardif para compreender a formação continuada como desenvolvimento profissional em consonância com princípios construídos ao longo do tempo no âmbito das ações de formação docente na Rede Municipal de Ensino e expressas nas perspectivas e reflexões das professoras participantes do projeto.

Palavras-chaves: Formação de professoras. Desenvolvimento profissional. Alfabetização e Letramento. Protagonismo docente.

Introdução

O presente texto trata da formação de professoras a partir de uma experiência vivenciada em um projeto de desenvolvimento profissional de professoras alfabetizadoras realizado no segundo semestre de 2020 pela Diretoria de Formação Pesquisas e Projetos (SME/Canoas) em parceria com o Grupo Aula (Faced/UFRGS).

Apesar das limitações impostas pelo contexto em função da pandemia de COVID-19, principalmente a necessidade de realização de forma virtual de todas as

¹ Doutora em Educação pela UFRGS. Professora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Contato: carolina.monteiro@ufrgs.br

atividades vinculadas ao projeto, destacam-se possibilidades e potencialidades da formação continuada, entendida aqui como desenvolvimento profissional, fundamentada em princípios construídos ao longo do tempo no âmbito das ações de formação docente na Rede Municipal de Ensino e expressas nas perspectivas e reflexões das professoras participantes do projeto.

O Projeto ABC: Alfabetização e Letramento

O projeto “ABC: Alfabetização e Letramento” foi uma ação promovida pela Diretoria de Formação, Pesquisas e Projetos (DFPP) da Secretaria Municipal da Educação (SME)² no ano de 2020 com o objetivo de qualificar o processo de alfabetização dos estudantes da Rede Municipal de Canoas/RS. Para isso, tinha como intenção realizar um acompanhamento deste processo por meio de diagnósticos periódicos a fim de identificar as competências que os estudantes já apresentam e as que precisam desenvolver ao longo de cada ano letivo. Assim, partindo de tais demandas, pretendia oferecer subsídios para o planejamento da prática docente e a elaboração de estratégias didáticas para a alfabetização por meio do desenvolvimento profissional de professoras alfabetizadoras.

Para a realização do projeto, firmou-se uma parceria entre a Diretoria de Formação, Pesquisas e Projetos da Secretaria Municipal da Educação de Canoas e o “Grupo Aula - Alfabetização, Linguagem e Ensino”³, vinculado à Faculdade de Educação (Faced) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

O projeto foi lançado oficialmente no dia 8 de setembro de 2020, Dia Mundial da Alfabetização, por meio de uma *live* no canal de formação de professores de Canoas no YouTube⁴. Na ocasião, foi feita uma homenagem às professoras e aos professores pelo Dia Mundial da Alfabetização e uma retrospectiva da Alfabetização na Rede Municipal de Ensino de Canoas pelo olhar da formação. Além disso, foi apresentado, em linhas gerais, o projeto ABC, seus objetivos e ações. Por fim, o Grupo Aula, parceiro do projeto, apresentou as concepções de Alfabetização e Letramento com as quais trabalha e as possíveis contribuições das professoras que compõem o grupo para o projeto na rede.

Após o lançamento do projeto, no mês de setembro, as escolas foram convidadas a indicar uma professora que, preferencialmente, trabalhasse com o Bloco de Alfabetização (1º ao 3º ano) para participar do GT e atuar na sua escola como uma professora

² Na ocasião, a autora atuava como assessora pedagógica junto a esta Diretoria.

³ Compõem o grupo as professoras Luciana Piccoli, Marília Forgearini Nunes, Renata Sperrhake e Sandra Andrade.

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dPMS6qXVr0I&t=2132s>

multiplicadora coordenando o Grupo de Estudos formado por todas/os as/os colegas interessados na temática da alfabetização. Cabe ressaltar que a adesão ao projeto foi espontânea, ou seja, tanto a participação no GT por meio da indicação de uma professora multiplicadora, quanto a participação nos Grupos de Estudos desenvolvidos nas escolas, não foi proposta como atividade obrigatória. Do total de 44 escolas de Ensino Fundamental do município de Canoas, tivemos a adesão de 43 escolas indicando uma professora multiplicadora para participação no GT. Além disso, nos Grupos de Estudos nas escolas, tivemos a participação não apenas de professoras do bloco de alfabetização (1 ao 3º ano) - público-alvo do projeto -, mas também de professoras do bloco pós-alfabetização (4º e 5º ano), professoras e professores dos anos finais (6º ao 9º ano), Educação de Jovens e Adultos, projetos, Sala de Recursos Multifuncionais, Técnicas/os em Educação Básica, estagiárias/os e equipes diretivas e pedagógicas.

Importa salientar que em função do contexto de pandemia de COVID-19 e do curto período de realização do projeto (de setembro a dezembro de 2020), não foi possível a realização de encontros presenciais, nem de oficinas, eventos e visitas às escolas, conforme previsto no projeto original. Neste cenário, os encontros do Grupo de Trabalho (GT), bem como os encontros dos Grupos de Estudos (GE) nas escolas, foram realizados via *Google Meet*. Considerando a frequência mensal proposta para os encontros do GT, ocorreram quatro encontros no ano de 2020, nos meses de setembro, outubro, novembro e dezembro e as temáticas abordadas nos encontros foram propostas a partir das demandas e necessidades expostas pelo grupo.

As temáticas abordadas nos encontros do GT e, por conseguinte, nos encontros dos Grupos de Estudos nas escolas foram:

- Desenvolvimento profissional, Formação de rede e Formação construída dentro da profissão
- Protagonismo Docente
- Alfabetização e Letramento no Ensino Remoto
- Avaliação e Documentação Pedagógica
- O planejamento em Alfabetização e Letramento: prioridades e estratégias

Os encontros do GT foram conduzidos pelas professoras do Grupo Aula e mediados pela equipe de assessoria pedagógica da DFPP/SME. Infelizmente, por conta do formato virtual dos encontros e pelo grande número de participantes do GT (64 pessoas), as possibilidades de interação foram mais limitadas do que ocorreria caso os encontros fossem presenciais, o que permitiria dinâmicas variadas de trabalho em pequenos grupos, por exemplo. Apesar disso, os encontros foram bastante produtivos, promovendo reflexões e discussões relevantes para a ação pedagógica em alfabetização. Contribuiu para isso,

também, o interesse e dedicação das professoras do Grupo Aula que buscaram diversificar os recursos utilizados nos encontros para abordar as temáticas propostas e, assim, envolver as professoras nos encontros.

Cabe pontuar que paralelamente aos encontros do GT, foram mantidos outros dois espaços compartilhados com as participantes do grupo, a saber: uma sala de aula no *Google Classroom*, na qual eram postados os materiais utilizados nos encontros, e um grupo de *Whatsapp*, que tinha a finalidade de promover uma maior interação entre as professoras. Destaco o segundo espaço, em especial, pois as trocas de experiências, inquietações e reflexões, foram muito significativas. Pouco a pouco o grupo foi se consolidando como um coletivo onde as professoras pareciam se sentir à vontade para buscar e oferecer apoio frente aos desafios da função que ocupavam como formadoras. As falas das professoras no grupo de *Whatsapp* dão conta de uma série de sentimentos e expressões, tais como: nervosismo, ansiedade, preparação, dedicação, felicidade e gratidão. Abaixo reproduzo um diálogo⁵ entre professoras do GT a partir da realização do primeiro encontro de Grupo de Estudos coordenado por elas nas suas escolas:

P1: A nossa [reunião] foi hoje, fiquei super ansiosa porque nunca tinha apresentado e nem conduzido nenhuma reunião. Mas foi muito boa. Conversamos muito, todas interagiram, foi tão produtiva!

A1: Que legal... Estou mega ansiosa também... a primeira vez a gente nunca esquece...

P1: eu nem dormi direito com medo de perder a hora... mas eu tô orgulhosa de mim de ter enfrentado o *meet*.

ML: Verdade gurias! Também fiquei super ansiosa e nervosa. Mas sempre que nos desafiamos e experimentamos algo novo, crescemos!

A2: Gurias que bom ouvir os relatos de vocês porque também estou nervosa e ansiosa para amanhã. Depois da reunião conto como foi!!!

[...]

A2: Ontem foi na minha escola. Poucas participantes, mas foi muito significativo. Fiquei nervosa, não dormi, tudo isso que muitas passaram, mas foi um desafio que consegui vencer e espero que com o tempo outras (os) colegas se interessem e comecem a participar. Essa questão de trabalhar juntos, com os pares, de ressignificar o sentido da alfabetização e letramento, da partilha de conhecimentos é encantadora, né?

Ao relatar o seu primeiro encontro na escola, uma professora disse estar radiante com o evento, mas compartilhou o questionamento de uma colega sobre a proposta do Grupo de Estudos, o que gerou um extenso diálogo entre as professoras do GT, permeado de reflexões sobre a formação de professoras e a docência, de modo geral, que eu compartilho abaixo:

⁵ Nos diálogos aqui reproduzidos a partir do grupo de *Whatsapp* do GT as professoras são identificadas apenas pelas suas iniciais, acompanhadas de numeração em ordem crescente no caso de iniciais repetidas.

V: Só estranhei que uma colega quando havia terminado me questionou que eu não estava trazendo nada de novo e que só ia gerar mais trabalho para todos. No mesmo momento as outras colegas começaram a elogiar e falar que iriam participar do projeto e que haviam gostado muito da proposta.

M1: Mas sempre vai ter... ainda bem que a formação é opcional, né? Faz quem quer e tem o interesse em trocar com os pares e qualificar o seu trabalho.

M2: Por isso vamos precisar nos aprofundar nas teorias, estudos, leituras, práticas. Dialogar muito e colocar a mão na massa também. Estamos só começando. Minhas expectativas são as melhores para o nosso projeto ABC.

V: Falei que realmente muito do que buscamos não é ter uma fórmula mágica e sim ressignificar o que já fazemos de uma forma mais organizada para atingir melhores resultados.

M1: E outra né meninas, ninguém forma ninguém... oferecemos caminhos, mas é preciso que a pessoa esteja aberta para aprender, buscar, rever conceitos. Então é isso... fazer a nossa parte.

J: Exatamente... em outras palavras foi o que falei também. Na minha escola poucos participaram, mas sei que estes farão a diferença.

V: Nada nem ninguém vai me tirar a alegria de fazer parte deste grupo de trabalho!

R: Também coloquei desta forma para os colegas da minha escola, fiquei bem feliz com a nossa formação.

P: Eu enfatizei sobre a troca entre pares, ninguém vai apresentar fórmula mágica.

V: Que bom que estamos sintonizadas.

ML: Tive a mesma experiência mas percebi que faz parte do processo de desenvolvimento profissional mesmo, pois quem quer "modelos" e historicamente isso foi perpetuado, ainda está preso às raízes tradicionais. Pode ser que sigam uma vida toda assim se nunca se permitirem buscar por si próprios suas respostas, que também não servirão pra tudo o tempo todo. É o perfil de colegas que reclamam muito e sofrem com o desgaste do seu próprio trabalho sem se dar conta.

[...]

ML: Eu deixei claro que será um espaço de trocas e reflexões. E as novidades vão surgir quando o grupo se apropriar dos materiais que multiplicamos e relacionar com suas vivências docentes. O grupo é a novidade. O espaço para o diálogo em si é algo "novo" pra nós.

Observa-se a partir do diálogo compartilhado acima alguns aspectos relevantes para a compreensão da importância dos movimentos de formação de professoras no contexto escolar. A sintonia mencionada na fala de uma das professoras expressa o entendimento coletivo de que o espaço de formação e desenvolvimento profissional deve ser visto como lugar de troca entre pares, no qual todos os participantes estejam dispostos a aprender e ensinar em um processo de construção coletiva do conhecimento. Ainda, o destaque dado ao grupo como um espaço de diálogo definido como "novidade", evidencia a demanda desse espaço na escola, em um contexto onde as reuniões de professores tendem a se caracterizar muito mais como reuniões administrativas do que pedagógicas.

Contudo, algumas professoras enfrentaram dificuldades para engajar as colegas nas escolas e enxergaram como um dos grandes desafios do projeto a necessidade de encontrar estratégias para mobilizar os grupos e aumentar a participação ativa nos encontros, conforme diálogo compartilhado abaixo:

E: As minhas colegas interagem pouquíssimo e eu falo muito, chego a cansar... minha supervisora até dá um apoio, mas ela não é do currículo [anos iniciais], então dificulta... minhas paralelas parecem estar ali só pra fazer número (desculpe o desabafo).

M1: Te entendo colega. Estou pensando em começar a levar questões problematizadoras. Perguntas mesmo pra dar uma "sacudida". Propor e delegar também pesquisa, relatos... buscar formas para que elas deixem de ser ouvintes e sim participantes.

G1: Tenho feito assim!! Falo um pouco, explico e faço uma pergunta, todo mundo tem que responder! As colegas ficam mais tranquilas e começam a interagir!

R: Eu faço assim também

G2: Na minha escola o grupo é pequeno... sou eu quem mais falo, claro, porém está tendo interação. A minha supervisora me ajuda bastante, no início percebi que elas tinham um pouco de resistência, acho que é em função de tudo que estamos vivendo, mas em parceria salientamos a importância dessas reuniões.

K: Pensamos em no próximo encontro na escola trazer questionamentos, exemplos, imagens que gerem diálogos para tentar "mexer" mais com elas. Deixamos alguns artigos como leituras complementares. Tomara que dê certo!

E: Obrigada pelas dicas, gurias!

P2: Na minha escola as colegas também falam pouco, então no nosso próximo encontro duas colegas vão apresentar projetos que elas já fizeram com as turmas. Espero que dê certo pra ter mais participação.

M1: Uma ideia que deu certo (pode ser que funcione também com o teu grupo ou não) foi combinar um encontro extra e pedir que as colegas levassem ideias de atividades e jogos que elas já fizeram em sala de aula. Ai entra o protagonismo de todos e não fica só uma pessoa falando. Gera mais trocas e diálogo. Lá na escola 5 colegas apresentaram e foi muito bom o material e as discussões que fizemos. É uma possibilidade entre tantas.

E: Eu acho que na minha escola elas estão muito acomodadas, sabe? Lembro quando eu entrei que eu quis entrar com novidades, que eu usava muitos os jogos do PNAIC e que elas ficavam me olhando torto hehe. Que eu conto história além das aulas de PLL [Projeto Livro e Leitura]... Mas eu não desisto!

M2: É um desafio para nós multiplicadoras porque precisamos aproximar a temática tratada com o Grupo Aula, aqui dos nossos encontros, para realidade e o momento do grupo da escola. Não dá para simplesmente reproduzir. Vamos vivenciando, testando e aprendendo. Uma hora vai!

[...]

E: O meu encontro é sexta, dei uma mudada nas ideias pra ver se consigo mais interação, depois eu conto pra vocês se deu certo.

[...]

E: Encerrando aqui [na escola]! Hoje foi INCRÍVEL! Interagiram mais, fechei a apresentação com uma charge para reflexão! Sobre os pareceres descritivos, decidimos fazer 3 modelos diferentes (vamos ver se vamos conseguir colocar em prática)! Também fiz uma "escada" da psicogênese para refletirmos sobre mostrar ou não pros alunos e classificá-los, isso rendeu bastante também, foi bem legal! Obrigada pela força gurias!

No diálogo compartilhado acima é possível percebermos a preocupação de uma das professoras com a pouca interação de suas colegas no Grupo de Estudos. O desabafo, expresso também em um dos encontros do GT pela mesma professora, parecia destoar da maioria das manifestações das professoras que integravam o grupo. No entanto, ao compartilhar suas angústias, a professora encontrou o apoio de colegas que enfrentavam o mesmo desafio e o diálogo aberto entre elas possibilitou a troca de ideias, sugestões e

experiências que resultaram em uma significativa mudança no desenvolvimento das atividades na escola.

Além disso, foram recorrentes os relatos das professoras no GT sobre a participação de professores de outras áreas dos anos finais, sobre o interesse dos colegas com a realização de encontros para além daqueles propostos pelo GT, ainda, relatos de diversificação de temáticas abordadas, com a apresentação de colegas, e de propostas, expressando a criatividade e envolvimento das professoras coordenadoras dos GE, sobre a organização de grupos de leitura, entre outros. Desde o seu lançamento e passando por todas as ações realizadas no âmbito do Projeto ABC, as repercussões foram muito positivas. Para além da temática, o engajamento das professoras e professores da rede tem relação direta com alguns aspectos que serão apresentados na sequência do texto.

Formação de Professoras e Desenvolvimento Profissional

O projeto “ABC: Alfabetização e Letramento” foi fortemente inspirado no projeto “Alfalettrar” desenvolvido pela professora Magda Soares junto à rede pública de ensino do município de Lagoa Santa/MG desde 2007. Tal experiência é brevemente relatada pela pesquisadora no artigo intitulado “Formação de rede: uma alternativa de desenvolvimento profissional de alfabetizadores/as” (SOARES, 2014), cuja proposta pedagógica é detalhadamente apresentada no livro “Alfalettrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever” (SOARES, 2020).

Inspirada, portanto, nesta experiência, a proposta deste projeto era de uma formação de rede que se caracterizasse não como “formação continuada”, mas como “desenvolvimento profissional”, pois, nas palavras de Magda Soares, entende-se que

os professores já estão no exercício da profissão, já se formaram em cursos de graduação em Pedagogia ou Normal Superior, o que se busca não é continuar essa formação, mas sim o desenvolvimento profissional no contexto da prática docente: das experiências, problemas, dificuldades, dúvidas que ela suscita a cada momento. Aliás, em todas as profissões, é após a formação, no exercício profissional, que as pessoas desenvolvem competências que só a prática possibilita. [grifo da autora] (SOARES, 2014, p. 151)

No mesmo sentido, o professor António Nóvoa discute a ideia de desenvolvimento profissional como produção da profissão docente. De acordo com o autor, é preciso, necessariamente, articular o desenvolvimento profissional dos professores com a escola e seus projetos, por meio do protagonismo dos professores. Segundo ele,

A formação pode estimular o desenvolvimento profissional dos professores, no quadro de uma autonomia contextualizada da profissão docente. Importa valorizar paradigmas de formação que promovam a preparação de professores reflexivos, que assumam a responsabilidade do seu próprio desenvolvimento profissional e que participem como protagonistas na implementação das políticas educativas. (NÓVOA, 1992, p. 16)

Tal protagonismo deve ser ativo ao longo de todo o processo de formação, desde a sua concepção e planeamento, passando pelo acompanhamento até a avaliação. Contudo, Nóvoa não defende o isolamento dos professores por meio de práticas de formação voltadas ao professor individualmente, mas sim aquelas voltadas à coletividade, pois, em suas palavras:

A troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formando.

O diálogo entre os professores é fundamental para consolidar saberes emergentes da prática profissional. Mas a criação de redes colectivas de trabalho constitui, também, um factor decisivo de socialização profissional e de afirmação de valores próprios da profissão docente. (NÓVOA, 1992, p. 14)

O protagonismo docente de que nos fala António Nóvoa é expresso em diferentes níveis se considerarmos que a professora alfabetizadora assume tal protagonismo ao colocar-se como formadora de suas colegas, mas também, de forma coletiva, quando observamos que o grupo de professoras e professores das escolas, ao reunirem-se em grupos de estudos, tomam para si as escolhas e o direcionamento de sua própria formação profissional. Ainda, é importante ressaltar que mesmo que o projeto tivesse a parceria de um grupo de professoras universitárias, as temáticas abordadas nos encontros formativos partiam das demandas trazidas pelas professoras da educação básica. Nesse sentido, conforme Tardif (2002), “o formador universitário para de desempenhar o papel de ‘transmissor de conhecimento’ e torna-se um acompanhador dos professores, alguém que os ajuda e os apoia em seus processos de formação ou de autoformação” (p. 292).

As ideias trazidas a partir de Nóvoa e Tardif contribuem para a compreensão do conceito de desenvolvimento profissional adotado no âmbito do Projeto ABC, priorizado em relação à noção de formação continuada, como refere, também, Magda Soares. No entanto, a construção deste projeto se deu em um contexto de atividades e projetos organizados junto à rede municipal de ensino de Canoas, especialmente a partir do trabalho realizado na DFPP/SME, fundamentados em alguns princípios que emergiram das experiências vivenciadas na e com a rede (SILVA; MACHADO, 2020). São eles:

1. Trabalho Colaborativo em Rede
2. Aprendizagem Profissional Contextualizada

3. Registro e a Visibilidade das Práticas Docentes
4. A Pesquisa na Docência
5. Autonomia e Protagonismo Docente
6. Professor Intelectual
7. Horizontalidade
8. Adesão e Pertencimento

Destes princípios acima elencados, destacam-se, especialmente no contexto do Projeto ABC, alguns dentre os quais o trabalho colaborativo em rede, justamente considerando-se o engajamento das professoras multiplicadoras e das professoras convidadas que compõem o GT, mas também das equipes diretivas e pedagógicas das escolas que acolheram o projeto e de todos os professores e professoras que se dispuseram a participar dos Grupos de Estudos.

Tal princípio tem relação direta com a ideia de adesão e pertencimento, uma vez que, conforme dito anteriormente, a participação no projeto não foi apresentada como obrigatória, sendo, portanto, de adesão espontânea. O que se observou nas escolas foi que a proposta de reuniões que teriam um caráter estritamente pedagógico (e não administrativo, como frequentemente ocorre nas reuniões de professores), despertou o interesse de professores, professoras e outros profissionais que atuam nas escolas e que não eram, necessariamente, o público-alvo do projeto, mas que, sem dúvida, diversificaram e qualificaram as discussões e interações propostas.

Evidencia-se, assim, a necessidade e a importância de espaços para reflexão e produção de conhecimento sobre a educação no “chão da escola”. Embora o projeto tenha contado com a parceria de professoras da Universidade, foi da Educação Básica que emergiram as questões e as temáticas trabalhadas, ou seja, por meio de uma aprendizagem profissional contextualizada, tendo como ponto de partida as vivências e experiências no cotidiano da escola.

Neste sentido, também se destacam os princípios da horizontalidade e do professor como intelectual, pois não há uma hierarquização entre os saberes produzidos a partir da Universidade e aqueles produzidos no âmbito da Educação Básica, sendo as professoras envolvidas no projeto vistas como intelectuais ao se colocarem a refletir sobre a própria prática, não sendo meras “executoras” de teorias propostas pela academia, mas produtoras ativas de conhecimento sobre e para a educação.

Destaca-se, ainda, o princípio da autonomia e protagonismo docente, especialmente por meio da formação entre pares. No contexto de formação mútua, conforme referido anteriormente por Nóvoa, no qual o professor é formador e formando, há um diálogo mais aberto, uma vez que o formador é um colega que está mediando o processo a partir da

própria realidade na qual o grupo se insere. Desta forma, percebe-se uma maior receptividade das propostas. Do ponto de vista do formador, a experiência vivenciada no projeto ABC evidenciou o potencial de crescimento profissional e até pessoal relatado por muitas das professoras multiplicadoras que se desafiaram a se colocar como formadoras frente aos seus colegas e estreitaram laços para além do âmbito profissional.

Considerações Finais

No âmbito da Diretoria de Formação, Pesquisas e Projetos da Secretaria Municipal da Educação de Canoas, enquanto responsáveis pela promoção de ações de formação docente na rede de ensino do município, percebemos um engajamento muito grande das/os professoras/es e uma participação bastante expressiva nas atividades propostas, bem como a realização de muitas atividades nas próprias escolas e para além delas. Entendemos esse movimento como uma forma de otimização do tempo, que se modificou com a transferência do trabalho presencial para o trabalho remoto, mas também como uma forma de “estar junto”, com o outro, através do compartilhamento de experiências, e consigo mesmo por meio da qualificação profissional.

Uma professora que em certo momento se referiu a um dos encontros na escola como “vibrante”, fez o seguinte relato após o último encontro do Grupo de Estudos em sua escola:

M3: Inclusive gostaria de compartilhar o sentimento geral de que essas formações estão contribuindo também para além da proposta. Nossos encontros têm sido de aproximações pessoais a partir do compartilhamento de trajetórias profissionais e demais particularidades. Estamos nos tornando uma rede de amigas pelo intenso fluxo do dizer de si por estarmos num espaço seguro. Agradecemos, portanto!

A fala acima registrada, carregada de sensibilidades, expressa também o contexto do ensino/trabalho remoto provocado pela pandemia de COVID-19, que foi pano de fundo da realização do projeto aqui apresentado. Se a docência é muitas vezes vista como um trabalho solitário, em tempos de isolamento e distanciamento social, em que as relações passaram a ser vivenciadas de forma virtual, os espaços coletivos de trocas e diálogos entre colegas se tornam ainda mais importantes.

Surpreende que um projeto implementado em um cenário tão desafiador como este ano de pandemia, tenha obtido resultados tão positivos e em tão pouco tempo. Além disso, saber que o Projeto ABC mobilizou pessoas, mas também sentimentos, amplia o nosso olhar sobre a formação de professoras partindo de outras perspectivas, compreendendo

que, de fato, a formação continuada consiste em desenvolver-se não só profissionalmente, mas também pessoalmente.

Referências

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, António (org.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

SILVA, Gilberto Ferreira da; MACHADO, Juliana Aquino. “Saberes em Diálogo”, um Programa de Formação Continuada em Rede: Universidade e Educação Básica. In: **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 28. n. 69. 2020.

SOARES, Magda. Formação de rede: uma alternativa de desenvolvimento profissional de alfabetizadores/as. In: **Cadernos Cenpec**. v. 4. n. 2. São Paulo: dez. 2014. p. 146-173.

SOARES, Magda. **Alfaetrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.